

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Lisiane Aguirre Flores

**A PEDAGOGIA NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO:
qual o lugar e a importância da pedagoga?**

Porto Alegre
2016/1

Lisiane Aguirre Flores

**A PEDAGOGIA NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO:
qual o lugar e a importância da pedagoga?**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de habilitação: Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laura Souza Fonseca

Porto Alegre
2016/1

Dedico este Trabalho ao meu tio, Gilberto Aguirre, por todo o amor e pelos ensinamentos que nos transmitiu enquanto esteve conosco neste plano.

Ao concluir este trabalho agradeço

A Deus, primeiramente, pela vida, pela força espiritual e por me manter de pé, mesmo nos momentos mais difíceis.

A minha mãe, Sonia Maria Pires Aguirre, pela mulher guerreira, por ser meu exemplo, por toda a ajuda, paciência e pelo amor incondicional ao longo da graduação e da vida.

A Denise Costa Ceroni, pelo amor e paciência, pelos ensinamentos, pela inspiração em me tornar pedagoga e por fazer acreditar no amor pela profissão e na esperança pela educação de todas 'as gentes'.

A minha irmã Karolline Flores, pela amizade, pelo amor e por compartilhar a vida e os momentos comigo.

A minha família pelo amor, carinho, paciência e acolhimento. Em especial às minhas primas queridas, Bibiana Costa Ceroni e Lisandra Jung.

A professora Laura Fonseca, que me acolheu como orientadora e que contribuiu muito para a construção deste trabalho e também para minha formação como pedagoga.

A Juliana Alves, por compartilhar comigo os momentos bons e os nem tão bons, por toda a ajuda, carinho, amor e amizade.

As minhas amigas que sempre me deram forças e compartilharam comigo os momentos felizes e os nem tão felizes assim. Em especial à Karen Fraga e Bruna Jurado.

As minhas colegas que me acompanharam ao longo da graduação e que dividiram comigo suas angústias, medos e alegrias e que se tornaram mais que colegas e sim amigas. Em especial a Luiza Darós, Flávia D'arco Gomes, Josiane Rodrigues, Isis Vianna e Gabriele Schutz.

As professoras e professores da Faculdade de Educação, pelos ensinamentos e aprendizagens adquiridos ao longo da graduação.

Obrigada a todos e a todas que me ajudaram de alguma maneira a concluir este trabalho e o curso de pedagogia.

“Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor não é o seu único praticante. ”

Carlos Rodrigues Brandão

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso situado no campo da Educação, particularmente, buscou investigar a educação não formal e como ela acontece em espaços socioeducativos, bem como, quais são os saberes necessários às pedagogas que atuam em espaços socioeducativos. Este trabalho tem o objetivo central compreender alguns conceitos que rodeiam o campo educacional não formal, tentando dialogar e entender como essa forma de educação influencia no percurso de vida e no processo de aprendizagens das crianças e dos adolescentes, sujeitos das ações socioeducativas. Procurou também diferenciar alguns conceitos, como as distinções e as aproximações entre educação não formal e educação não escolar, dessa forma, esclarecendo e explicitando as diferenças. As indagações a cerca desta pesquisa surgiram a partir da curiosidade da autora em conhecer esses espaços e também pela vontade de atuar nesse campo educacional como pedagoga social. O exercício de pesquisa envolveu práticas de observação e entrevistas, como técnicas de investigação, que subsidiaram os resultados dos dados obtidos neste estudo. A pesquisa foi realizada em espaços onde acontece a educação não formal, tendo como principal espaço visitado, um dos espaços onde acontece o Serviço de Apoio Socioeducativo (Sase), neste caso o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, na cidade de Porto Alegre, e contou com a participação dos agentes profissionais que atuam nesses espaços. A análise indicou a importância de haver uma pedagoga nesses espaços e também como é o processo de seleção/formação dos educadores sociais que atuam na educação social. Para subsidiar este estudo, recorri a alguns autores que foram fundamentais para o referencial teórico deste Trabalho de Conclusão de Curso. Entre os quais Paulo Freire, Maria da Glória Gohn, Carlos Rodrigues Brandão, Laura Souza Fonseca, Maria Amélia Santoro Franco, Nádia Fuhrmann e Fernanda dos Santos Paulo, que caracterizam a educação popular, as ações e espaços socioeducativos, bem como, o espaço de educação não formal. As conclusões apontaram que a pedagoga tem papel e ocupa um lugar fundamental nesses espaços porque a sua presença, desde que comprometida em (re)construir alguns conhecimentos, oportuniza ao sujeito buscar novos caminhos e relações sociais significativas, aproximando as práticas vivenciadas nesses espaços com os seus contextos sociais, além de oferecer uma prática educativa com uma metodologia voltada para estes espaços.

Palavras-chave: Educação não formal. Espaço Socioeducativo. Práticas educativas. Pedagoga.

LISTA DE SIGLAS

CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FASC	Fundação de Assistência Social
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social
ONGs	Organizações Não Governamentais
PSB	Proteção Social Básica
Sase	Serviço de Apoio Socioeducativo
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SUAS	Serviço Único de Assistência Social

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	9
2	APONTAMENTOS CONCEITUAIS: EDUCAÇÃO INFORMAL, FORMAL E NÃO ESCOLAR.....	13
3	A ABORDAGEM SOCIAL DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL.....	15
3.1	O SERVIÇO DE APOIO SOCIOEDUCATIVO E AS AÇÕES SOCIOEDUCATIVAS.....	16
3.2	A FORMAÇÃO DOS EDUCADORES SOCIAIS.....	18
4	CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	23
5	ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA.....	25
5.1	POSSIBILIDADES E DESAFIOS DOS PROFISSIONAIS ATUANTES DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL.....	25
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
	REFERÊNCIAS.....	36
	ANEXOS.....	38

1 APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso discorreu sobre a educação em espaço não escolares. Durante o curso de Pedagogia, temos pouco acesso a esse campo educativo e me parece fundamental conhecer os espaços onde a educação não formal acontece, sejam eles espaços de apoio socioeducativo, hospitais, casas de acolhimento e passagem, abrigos, bem como identificar as funções desenvolvidas pelas pedagogas que atuam nestes espaços. Quais são os saberes necessários a estas profissionais? Como as mesmas se sentem atuando nesse campo educativo? Qual o papel dessas profissionais em relação aos sujeitos que frequentam o espaço socioeducativo? A quais políticas sociais vinculam-se esses espaços? Parece-me fundamental identificar nos espaços não formais as práticas formadoras, bem como contextualizar o Serviço de Apoio Socioeducativo (Sase), sistematizando as atividades, conteúdos e a formação dos profissionais que nele atuam, entendendo qual é o lugar que os profissionais da educação assumem, quais são os saberes necessários para garantir a execução das políticas sociais direcionadas para estes espaços, avaliando como os profissionais da educação (pedagogos) se sentem atuando nesse campo educativo.

Para fins de sistematização, o trabalho é composto por cinco partes: a primeira parte traz sínteses sobre a concepção de educação informal, formal e não escolar a partir de concepção de autores que dialogam e sintetizam sobre o tema. Na segunda parte, o estudo versa sobre os fundamentos do espaço e da educação não formal, trazendo ainda como parte desta modalidade de educação o Serviço de Apoio Socioeducativo (Sase), como espaço institucionalizado da educação não formal, como Políticas de Assistência Social. A terceira parte caracteriza os saberes necessários à prática educativa dos profissionais envolvidos com o campo educacional social, bem como a formação necessária às educadoras sociais e às pedagogas, trazendo elementos que nos mostram o que subsidia o trabalho dos profissionais destes espaços.

A partir dessas reflexões, analiso os dados obtidos junto aos sujeitos e profissionais envolvidos nesse campo educacional, visando entender como a prática educativa acontece e é vista nesses ambientes e quais são os desafios e possibilidades dos profissionais envolvidos nesse meio educativo.

A iniciativa de escrever este Trabalho de Conclusão de Curso se deu a partir da minha curiosidade em conhecer a estrutura e a rotina dos espaços educativos não formais, bem como a sua organização e também a atual conjuntura a qual se encontra a Educação Social. Creio importante ponderar também, que desejo trabalhar como pedagoga social, realizando uma prática voltada para as pessoas que se encontram em condições sociais desfavoráveis. Atribuir o significado que a educação pode oferecer para esses sujeitos e apresentar instrumentos que possam mudar seus contextos de vida me parece essencialmente gratificante.

A prática docente foi e é fundamental para a formação de futuras professoras. Acredito que o papel da pedagoga, então, nesses espaços, seja o de reafirmar a importância de estar sempre pesquisando a fim de buscar maneiras de melhorar cada vez mais a própria prática docente. Creio que a metodologia de formação docente seja um processo contínuo de construção e reconstrução do conhecimento e que através da nossa trajetória profissional iremos adquirindo. Isso favorece a construção de novas aprendizagens docentes de forma contínua e permanente.

Durante o curso, porém, temos a oportunidade de conhecer alguns espaços não escolares muito brevemente, o que nos impossibilita de perceber e estar atentas a como a educação acontece e se dá nesses outros ambientes, além da escola. O curso de Pedagogia da Faculdade de Educação visa formar professores para a sala de aula e creio que por isso acaba deixando um pouco a desejar quanto a esse campo educativo, tão importante para a nossa formação e o nosso aprendizado enquanto futuras pedagogas porque, além de propiciar a extensão de nossas experiências profissionais, amplia o nosso campo de trabalho, trazendo novos conhecimentos e formas de atuar em diferentes modalidades de educação. A pedagoga nos espaços não formais é importante porque possibilita pôr em prática uma metodologia e um planejamento que inclui o sujeito da educação não formal no ambiente em que frequenta, criando um lugar em que esse indivíduo não somente é “cuidado”, mas que também aprende e se desenvolve plenamente, potencializando situações do seu cotidiano em que ele pode refletir, questionar e problematizar. Para Libâneo (1999),

Pedagogo é o profissional que atua em várias áreas instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos

de ação, tendo em vista objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica. (LIBÂNEO, 1999.p. 44)

Essas ações da pedagoga devem partir da realidade dos sujeitos da Educação Social e das representações que ele faz sobre ela. Assim, esse sujeito se dá conta de que, aquilo que aprende possui um significado, um sentido e poderá ser aplicado em sua vida e na sua prática social, possibilitando a esse indivíduo ser o protagonista da sua história.

Neste estudo adotei alguns subsídios teóricos dos autores: Carlos Rodrigues Brandão, Laura Souza Fonseca, Maria Amélia Santoro Franco, Nádia Fuhrmann, Fernanda dos Santos Paulo e José Carlos Libâneo.

Aproprio-me do termo “pedagoga” para me referir aos profissionais da pedagogia presentes nestes espaços não formais e no meio educacional em geral, porque as vejo como maioria entre os profissionais que atuam nesse meio. Ressalto que não há intenção de provocar a exclusão dos pedagogos, mas sim, caracterizar o espaço educacional como um espaço predominante das profissionais femininas.

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por finalidade, conhecer o espaço não formal, assim como as funções desenvolvidas pelas pedagogas; no caso deste estudo: um dos locais onde acontece o Sase. Interessa, ainda, identificar os saberes necessários às profissionais que atuam no espaço socioeducativo, bem como as políticas sociais onde se inserem esses espaços. Esta pesquisa teve como foco o espaço onde acontece o Serviço de Apoio Socioeducativo (Sase). Para tanto, acredito que posso me respaldar em autores que trazem discussões sobre a Pedagogia Social, bem como Maria da Glória Gohn que nos convida a refletir, trazendo sínteses importantes sobre a educação não formal, com exemplos de como e onde ela acontece, e também, designando um processo de abrangência.

Carlos Rodrigues Brandão que traz apontamentos sobre a Educação Popular e sobre a concepção de educação. Laura Souza Fonseca que caracteriza os saberes necessários aos educadores sociais bem como o espaço socioeducativo. E ainda, José Carlos Libâneo que traz apontamentos bastante significativos sobre a pedagogia, pedagogos e formação de educadores.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso buscou compreender o papel da pedagoga nos espaços educativos não formais, especificamente em um espaço onde acontece o Serviço de Apoio Socioeducativo (Sase), observando como acontecem as

atividades oferecidas nesse espaço e (re)conhecendo a participação e a importância da pedagoga, percebendo como acontecem as práticas educativas em espaços não formais, caracterizando o serviço de apoio socioeducativo, operado pela FASC/PoA, na concepção de educação não formal. Foi necessário ainda, identificar as atividades educativas realizadas pelas pedagogas e educadoras sociais no espaço socioeducativo bem como os conhecimentos que são necessários para a prática educativa destas profissionais.

2 APONTAMENTOS CONCEITUAIS: EDUCAÇÃO INFORMAL, FORMAL E NÃO ESCOLAR

Ao pensarmos a educação hoje, podemos ter certa dificuldade em classificar quais são os seus sujeitos e entender o seu significado. Gosto da definição proposta por Durkheim (1978, p.38) que diz: “para definir educação será preciso, pois, considerar os sistemas educativos que ora existem, ou tenham existido, compará-los e apreender deles os caracteres comuns”. O conjunto desses caracteres constituirá a definição que procuramos.

Portanto, de acordo com o enfoque deste trabalho, que é a educação e a importância da pedagogia nos espaços socioeducativos, podemos entender que o significado dado à educação varia de lugar para lugar, de pessoa para pessoa, de acordo com a cultura de cada indivíduo, sendo a educação aqui, um ato cultural e social. Com isso, entende-se que,

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. (LARAIA, 2001. p. 68)

Para Carlos Rodrigues Brandão (2002),

A educação é uma prática social cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saberes existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos, de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade. (2002. p. 26.)

Assim, compreendemos que a educação pode ser vista como tudo aquilo que se aprende, não se reduzindo apenas a saberes e práticas escolares.

Considerando os objetivos que se pretendeu atingir neste estudo, é importante definirmos cada uma das modalidades educativas, destacando alguns conceitos. O primeiro conceito refere-se à educação informal. Assim consideramos que este

conceito se constitui em um processo permanente de educação, podendo ser entendido como a educação que acontece pelo convívio familiar, com amigos, não havendo necessariamente organização para se concretizar.

O segundo conceito trata-se da educação formal, que seria aquela que é estruturada, organizada, planejada e sistemática. Sendo assim, a educação formal refere-se àquela que é oferecida pelos sistemas formais de ensino em escolas, faculdades, universidades etc.

Já a educação não escolar é vista por Fuhrmann e Paulo (2014) como complementar a educação curricular, como por exemplo, as atividades pedagógicas que acontecem numa perspectiva da educação social, da educação não formal e informal. Ou seja, pode ser vista em ambientes como ONGs, casas de acolhimento, Sases e até mesmo dentro da própria escola, neste caso acontecendo dentro de um espaço formal, valorizando o processo de aprendizagem dos estudantes em grupos.

Assim, nomina-se de educação social o conjunto organizado de conhecimentos científicos oriundos da Pedagogia Social, que subsidiam processos didáticos, pedagógicos e metodológicos específicos para o desenvolvimento humano e social. (FUHRMANN, PAULO. 2014 p. 554).

Para Fonseca (2009), esses espaços não escolares incluem as crianças e adolescentes com maior vulnerabilidade social. Com isso, o Apoio Socioeducativo e o Trabalho Educativo se inscrevem como políticas protetivas e de combate ao trabalho infantil, também com a finalidade de Assistência Social.

O campo socioeducativo então, nesse sentido, tem como objetivo principal, a promoção das aprendizagens e do convívio social, visando conjugar a intencionalidade do campo educacional e a valorização no campo cultural possibilitando aos sujeitos envolvidos diversas oportunidades de aprendizagem fora do âmbito escolar.

3 A ABORDAGEM SOCIAL DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

De acordo com a autora Maria da Glória Gohn (2001) a educação não formal é um campo educacional “para a vida e para o viver bem”, mas engloba a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, porém em formatos e espaços diferenciados. Assim, entende-se que a educação não formal mesmo não tendo os mesmos moldes e formalidades da educação formal, possui a sua própria formalidade e identidade, a sua organização, metodologias e também projetos políticos voltados para essa modalidade. Para Libâneo (1999),

A educação não formal, por sua vez, são aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas. (LIBÂNEO, 1999. p.81)

A educação não formal passa a ter maior importância no Brasil a partir do século passado, quando ocorrem algumas mudanças na economia, na sociedade e no mundo de trabalho. Assim, passa-se a valorizar a educação e como ela se dá em grupo, dando importância também aos valores culturais dos indivíduos envolvidos nesse processo.

A autora Gohn (2001) nos diz ainda que, a educação não formal designa um processo com quatro campos. O primeiro abrange a aprendizagem política e os direitos dos indivíduos enquanto cidadãos, ou seja, é quando o indivíduo se reconhece como ser social participante e passa a entender que possui direitos e deveres. O segundo campo diz respeito à capacitação desses sujeitos para o mercado de trabalho, por meio de aprendizagens destinadas para esse fim. O terceiro refere-se à aprendizagem e a práticas que possam organizar objetivos comunitários, isto é, que os sujeitos consigam se organizar de maneira coletiva para resolver problemas. O último campo citado pela autora é a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, mas em tempos e espaços diversos.

Na educação não formal a cidadania é o objetivo principal e a aprendizagem se dá por meio da prática social. Os procedimentos metodológicos utilizados para se trabalhar nesse processo se diferenciam dos procedimentos tradicionais utilizados em espaços formais de educação: estão pouco codificados na leitura e na escrita e

bastante organizados ao redor das falas, das vozes, das vivências e experiências dos participantes da educação não formal.

Segundo Gohn (2009, p.32), podemos localizar a grande área de demandas da educação não formal como a área de formação para a cidadania. Esta área desdobra-se nas seguintes demandas:

- a) Educação para justiça social.
- b) Educação para direitos (humanos, sociais, políticos, culturais etc.).
- c) Educação para liberdade.
- d) Educação para igualdade.
- e) Educação para democracia.
- f) Educação contra discriminação.
- g) Educação pelo exercício da cultura, e para a manifestação das diferenças culturais.

Assim, estes espaços de acordo Gohn (2009), concretizam a educação integral e se dão por meio do entrelaçamento da proteção social às características das práticas educacionais e culturais e têm como característica primordial o exercício da convivência social.

Contudo, para que esse trabalho socioeducativo seja de fato efetivo, é necessário estabelecer parcerias com a escola, com as famílias, com as comunidades e com todos que possam contribuir para que o desenvolvimento integral desses sujeitos.

Destacam-se os diferentes espaços em que pode acontecer a educação não formal, não havendo um padrão para sua estrutura, pode ser desenvolvida em espaços públicos, de caráter estadual ou municipal, associações de bairro, centros comunitários, ONGs, etc.

3.1 O SERVIÇO DE APOIO SOCIOEDUCATIVO E AS AÇÕES SOCIOEDUCATIVAS

Buscando alcançar os objetivos deste estudo, procurei conhecer o Serviço de Apoio Socioeducativo (Sase) que é uma das políticas de atendimento à criança e ao adolescente apresentado pelo art. 86 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (lei nº 8069/1990). O Sase é oferecido, aqui na cidade de Porto Alegre, pela Fundação de Assistência e Cidadania (FASC).

Compreende-se que o apoio socioeducativo integra a Política de Atendimento do ECA e do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), assim,

O Sase como método pedagógico não formal se constitui em um serviço assistencial e educacional protetivo e preventivo com importante capacidade de reinserção social do segmento infanto-juvenil das classes populares. (FUHRMANN, PAULO, 2014.p. 562)

O SUAS conforme o site do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) tem enfoque na proteção social reorganizando as ações por níveis de complexidade: Proteção Social Básica (onde se insere o Sase), Proteção Social de Média Complexidade e Proteção Social de Alta Complexidade. O SUAS é responsável pela gestão na área da assistência social, organizado sob forma de sistema descentralizado e participativo. De acordo com a lei nº 12.435, art. 6º: “As ações ofertadas no âmbito do SUAS têm por objetivo a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice e, como base de organização, o território.”

De acordo com o site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, o Serviço de Apoio Socioeducativo, atende crianças e adolescentes de 06 a 14 anos de todas as regiões da cidade. Segundo o SUAS, a Política de Assistência Social, a qual está inserida o Sase, serve para garantir proteção social e reduzir situações de risco pessoal para crianças vulneráveis econômica e socialmente, criando medidas e possibilidades de socialização e inclusão. O Sase acontece nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e em entidades conveniadas, onde as crianças e adolescentes participam de oficinas culturais, esportivas e atividades lúdicas para estimular o desenvolvimento afetivo e social. É realizado no turno inverso ao da escola, oferecendo alimentação, apoio pedagógico e psicossocial e, quando necessário, encaminhamento aos serviços de saúde. Durante as entrevistas e visita realizadas em um espaço onde acontece o Sase, não foi possível perceber se essas questões realmente se comprovam e são garantidas para as crianças e adolescentes atendidos.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, segundo o Ministério do Desenvolvimento Social é um serviço de Proteção Social Básica (PSB) do SUAS. O SCFV é ofertado de forma a complementar o trabalho social realizado com famílias, realizando atendimentos em grupos. São realizadas atividades lúdicas, artísticas, de lazer e esportivas. Ainda segundo o MDS, o serviço é uma forma de intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, estimulando os usuários na construção e reconstrução de seus conhecimentos e vivências individuais, coletivas e familiares.

Tomando por base estas perspectivas, as ações socioeducativas se constroem por meio de processos e atividades não vinculadas à educação escolar formal, e possibilita então, a formação do sujeito como agente social, complementando e os conhecimentos já adquiridos por esses sujeitos, que segundo Rocha (2007),

dar-se-á através do processo educativo enquanto mediação para a construção da cidadania, cabendo, portanto à prática socioeducativa, auxiliar na problematização, confrontar as percepções sobre a realidade, procurar desvelar todos os aspectos que compõem os cenários políticos, econômicos, sociais e culturais.(ROCHA, 2007. p. 6)

Ainda para Rocha (2007, p.31), a importância desses projetos socioeducativos está em serem espaços que propiciem e estimulem o lazer, a socialização, a cultura, o esporte, para que o trabalho educativo com esses sujeitos sejam parte de um projeto participativo que busque a autonomia, a cidadania e o protagonismo de todos os envolvidos.

3.2 A FORMAÇÃO DOS EDUCADORES SOCIAIS

Ao longo da graduação recebemos uma “enxurrada” de metodologias de como lidar com a educação escolar e como se tornar professora. Brevemente é visto durante o Curso de Pedagogia, assuntos relacionados com os espaços não formais e maneiras de atuação como educadora social, por exemplo.

Evidencia-se então, as carências na formação dos educadores que não saem devidamente preparados para agir na área social, embora seja um dos lócus em que a pedagoga pode atuar. Considera-se também que não fica claro quais são os

profissionais atuantes, sendo que a modalidade de educação não formal recebe profissionais de diferentes áreas para atuarem como educadores sociais, os quais muitas vezes não tiveram em sua formação inicial contato com materiais que possam subsidiar o desenvolvimento do seu trabalho, o que neste campo é importante porque reserva especificidades.

Nesse sentido, compartilho com Gohn (2009), a ideia de que precisamos repensar a formação desses profissionais e suas metodologias, refletindo sobre como deveria ser pensado o currículo para que essa temática seja incluída de maneira a preencher as necessidades dessa demanda pedagógica.

Para Franco (2013),

No processo de sua formação, o pedagogo deve construir profunda intimidade com as questões da docência, do ensino, mas será inconcebível subsumir a formação de pedagogos ao exclusivo exercício docente. (FRANCO, 2013.p. 125)

Por isso, é extremamente urgente que possamos nos constituir enquanto pedagogas com uma postura dialógica nos espaços de atuação, buscando desenvolver uma relação dialética com os alunos e intervenientes na prática educativa.

De acordo com Libâneo (1999), “a base da identidade do educador é a ação pedagógica, não a ação docente”. Então, para pensarmos o papel e o lugar que o educador social tem, devemos primeiramente entender que esse profissional não é um “cuidador”, embora deva exercer um papel de animador do grupo. Os educadores sociais são importantes porque exercem um papel ativo, propositivo e interativo, desafiando constantemente o grupo de participantes a descobrir novos contextos e desafios.

Esse profissional trabalha por meio de metodologias que fundamentam suas ações práticas como atividades, métodos, ferramentas, instrumentos etc. Por isso é importante destacar que o trabalho do Educador Social tem princípios, métodos e metodologias de trabalho.

De acordo com Gohn (2009), o Educador Social ajuda a construir com seu trabalho, espaços de cidadania no território onde atua. Com isso, acabam representando para os sujeitos envolvidos, alternativas de informação diferentes das

quais eles já estão acostumados, proporcionando estímulos e representações sobre o futuro, ajudando a construir espaços de cidadania.

Em síntese, o Educador Social atua em uma comunidade nos marcos de uma proposta socioeducativa, de produção de saberes a partir da tradução de culturas locais existentes, e da reconstrução e ressignificação de alguns eixos valorativos, tematizados segundo o que existe, em confronto com o novo que se incorpora. (GOHN, 2009. P. 34)

A educação não escolar proporciona a aquisição de conhecimentos e a construção de práticas para a participação social. Por isso, valoriza e se organiza em torno dos saberes e experiências práticas dos sujeitos em formação. Por estar associada a contextos mais diversificados, a educação não escolar lida com uma pluralidade de saberes e formas de aprendizagem, o que faz com que, em alguns casos, os seus agentes não necessitem de formações e qualificações acadêmicas.

Para as autoras Fuhrmann e Paulo (2014), essa indefinição da formação daqueles que exercem as funções de planejar, coordenar e educar nos serviços socioeducativos, cria um grande obstáculo no que diz respeito à qualificação das atividades desenvolvidas nos Sases.

Nessas perspectivas, as instituições de caráter formativo, necessitariam desenvolver mecanismos de fortalecimento de inter-relações quando se considera formar um profissional que tenha a oportunidade de construir uma dinâmica educativa ampliada, para que se possa aprender também sobre as práticas culturais, se situando de melhores formas quanto aos seus objetivos e implicando em uma maior participação desses profissionais no âmbito da educação social. Segundo Severo (2015),

Importa dizer que a educação não escolar como cenário de práticas pedagógicas se constrói pela ação dos profissionais da pedagogia e de demais educadores especializados, por meio das práxis científica e social, operada a partir de concepções pedagógicas e do reconhecimento crítico e contextualizado da realidade que condiciona as práticas educativas. (SEVERO, 2015 p. 574)

Tudo isso evidencia que a formação dos educadores sociais ainda está sendo construída. Percebe-se, a importância da formação profissional e de pedagogos que

possam atuar nesses meios educativos, uma vez que o exercício profissional possibilitaria responder as demandas sociais concretas da formação humana, não podendo deixar de aprofundar a discussão sobre a profissão do pedagogo também nesses outros campos educativos além da escola formal.

Dialogando com Franco (2013), podemos entender que a pedagogia deve ter em seu foco, o trabalho educacional não só das escolas e de seus professores, mas também das diversas instituições com possibilidades educativas. Mesmo que a escola seja considerada um espaço privilegiado para que possamos enxergar o exercício da práxis educativa devemos ter consciência de que não é o único lugar onde ela acontece.

Considera-se que os profissionais envolvidos nesse meio educativo social, tanto os formalmente constituídos ou aqueles que no exercício da prática educativa atuam, devem se envolver numa perspectiva de buscar os problemas que vivenciam na prática. Com isso, as pedagogas inseridas nesse meio, poderiam oportunizar um espaço em que os sujeitos da educação social pudessem problematizar, enriquecer culturalmente, em um processo de reflexão, tanto pessoal como coletiva. Assim, seria possível criar condições favoráveis para que, na instância do espaço não formal, se pudesse alcançar propósitos explícitos, intencionais, visando promover aprendizagens mediante a subjetividade dos sujeitos. Para isso, considero que seria interessante que esses profissionais disponibilizassem de metodologias, planejamentos e utilizassem instrumentos de formação que propiciassem a integração dos sujeitos da práxis, incorporando a reflexão como prática permanente educativa. Aqui podemos perceber como seria importante a presença de uma pedagoga nesses espaços, uma vez que, essa profissional, como pesquisadora educacional crítica, poderia propiciar a construção de um ambiente investigativo e também reconstruir algumas práticas já estabelecidas nesses espaços.

Para fundamentar essas reflexões, dialogo com Franco (2013, p. 112) que nos traz demandas que acredita serem fundamentais para a formação de pedagogas:

- Há que se criar um espaço definitivo de investigação contínua das práticas educativas, visando esclarecer, compreender e explicitar sua intencionalidade;
- Será preciso um trabalho político-científico de ampliar o potencial educativo da sociedade: a educação exerce-se em todas as instâncias e momentos

socioculturais; muitos desses momentos e ações precisam ser cientificados, sua intencionalidade esclarecida, seus protagonistas comprometidos com o coletivo da sociedade;

- e ainda buscar novas formas e meios de organizar, compreender e transformar os espaços educacionais em espaços educativos, o que será pelo exercício crítico e compromissado da práxis educativa.

Para Franco (2013), o pedagogo, ainda,

deverá ser o profissional investigador da educação como prática social. Como investigador, pesquisará novas mediações da educação com o mundo sociocultural, além da escola, transcendendo o previsto nas demandas de mercado. (FRANCO, 2003. p.112)

Portanto, sabendo que toda ação educativa carrega carga de intencionalidade que integra e organiza sua prática, reafirmo que a base de formação dos profissionais atuantes nesses espaços é importante para a possibilidade de uma boa prática educativa no contexto sociocultural.

Para isso, acredito que os meios formadores deveriam basear-se em princípios de qualificação da formação docente, como um projeto permanente, que propiciassem o aprendizado também das práticas de espaços não formativos de educação, tornando esses profissionais, pedagogos qualificados para atuarem em outros campos educacionais além da escola. Seria, ainda, necessário que esses cursos tivessem oportunidade de terem uma fundamentação mínima que os amparasse para atuar nesse campo educativo.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este trabalho de Conclusão de Curso foi fundamentado em metodologia de pesquisa qualitativa, observação participante e entrevistas, como técnicas de investigação. Entende-se a observação participante como o trabalho de campo no seu conjunto, desde o primeiro contato do investigador com o meio social e o campo de pesquisa, até sua participação e interação com os sujeitos envolvidos. A observação se complementou com entrevistas semiestruturadas, mas que propiciaram aos sujeitos entrevistados a falarem livremente, expressando suas opiniões e sentimentos. A entrevistadora teve o papel de incentivar, levando o informante a falar, mas fazendo-lhe perguntas.

Segundo a autora Lüdke (2014), para que o método de observação se torne válido e fidedigno como instrumento de investigação científica, a observação antes de qualquer coisa precisa ser controlada e sistemática. Sendo assim, acredito que seja imprescindível para a pesquisa e a observação determinar “o que” e “como” analisar. Ludke (2014), também traz a importância da entrevista como instrumento básico para a coleta de dados. É importante atentar para o caráter de interação que permeia a entrevista, captando as informações esperadas.

É importante mencionar também a referência ética, que segundo Severino (2013), para a pesquisa científica, duas condições são postas a priori: a presença de alteridade, a presença do outro, e o reconhecimento da dignidade da pessoa humana.

Nunca é demais repetir que a finalidade da educação é a humanização, a formação das pessoas humanas, e mais do que qualquer outra prática social, cabe a ela, nessa condição, investir na construção da autonomia das pessoas, respeitando e consolidando sua dignidade. (SEVERINO, 2013.p. 9)

Considera-se a visão de mundo¹ como a compreensão que as pessoas têm do mundo a sua volta. E entendendo que cada pessoa tem sua visão/compreensão de mundo, mesmo que o sujeito faça parte da mesma sociedade, esta pesquisa se baseou em valores éticos que subsidiaram o trabalho da pesquisadora e das entrevistadas, tendo mediações importantes que asseguraram a prática de

¹ Visão de mundo: termo usado pelo autor Paulo Freire em seus estudos.

investigações com afirmações de ética na pesquisa educativa e que respeitaram as subjetividades de cada um. A visão social de mundo dependerá também da cultura que cada pessoa tem ou do entendimento sobre determinado assunto. Por isso, este trabalho teve a sensibilidade de atentar para esses aspectos, também entendendo que a ética se expressa em todos os lugares e não somente na vida acadêmica.

Foram utilizados procedimentos de entrevista semiestruturada nas quatro entrevistas que foram realizadas. Busquei também atentar para as subjetividades dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa. Para isso, tomei como base referencial para a metodologia deste estudo, a autora Malfitano (2011, p. 322) que traz apontamentos sobre a utilização metodológica e de como a pesquisa pode assumir diferentes vertentes, contribuindo para que o material empírico coletado seja significativo, dando conta da análise dos dados a partir das reflexões e resultados das entrevistas.

A coleta de dados foi realizada em Casa de Acolhimento, além da Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) e um espaço onde é oferecido o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, parte integrante do Projeto Sase, na cidade de Porto Alegre. As quatro entrevistas foram realizadas nesses espaços e também nos espaços administrativos que coordenam esses locais como a coordenação do Sase em Porto Alegre. Os entrevistados foram os servidores públicos que trabalham nesses estabelecimentos, uma educadora social, a coordenadora do setor de Proteção Social Básica (PSB) da FASC, bem como uma pedagoga e uma trabalhadora do espaço socioeducativo, neste caso, do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

5 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA

Os dados deste capítulo foram coletados em forma de entrevista semiestruturada e observação, buscando o diálogo e alternativas que deixassem as entrevistadas mais à vontade para responder as questões de forma crítica, mas também realista. Com as informações obtidas foi possível identificar alguns dados relevantes, os quais me permitiram produzir algumas análises, que serão apresentadas nesta seção.

As entrevistas² foram realizadas com uma educadora social, de uma Casa de Acolhimento, com a pedagoga coordenadora que atua como supervisora dos Sases e por fim, com a pedagoga e a educadora social do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, todas localizadas na cidade de Porto Alegre.

5.1 POSSIBILIDADES E DESAFIOS DOS PROFISSIONAIS ATUANTES DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Para Brandão (2006), o pensamento do educador, não raramente, esquece-se de ver a educação em seu contexto cotidiano, na sua cultura. Assim, se faz necessário entender e perceber como a educação é vista pelos profissionais entrevistados neste estudo. Foi possível identificar nas entrevistas a existência de elementos que, por vezes, definem como foi, também, a formação das educadoras/pedagogas resultando em seus perfis profissionais.

Complica um pouco pensar a educação como apenas *educação*. A necessidade profissional de compreender e explicar sistemas e estabelecer regras e metodologias de seu funcionamento obriga o educador a pouco a pouco pensar a sua própria prática dentro de domínios restritos. (BRANDÃO, 2006. p. 14)

² As entrevistas presentes neste capítulo foram transcritas seguindo a autenticidade da fala das entrevistadas.

Durante a entrevista com uma educadora social de uma Casa de Acolhimento da cidade de Porto Alegre, obtive relatos sobre três aspectos que ela acredita que se sejam dificuldades enfrentadas diariamente no seu trabalho: como é o funcionamento da casa, qual o contexto das crianças e adolescentes que são atendidos e as atividades que os atendidos têm:

R: Entrevistada (A)

“É bem difícil às vezes. Já quase apanhei duas vezes, tem muito adolescente que tem pós-traumático e toma remédio controlado.”

Questiono-a sobre a situação das crianças que vão para no abrigo se encontram, o que aconteceu, geralmente, com essas crianças para chegarem até ali e ela diz que na casa de acolhimento são atendidas crianças e adolescentes em situação de abandono, abuso sexual e de extrema pobreza.

A rotina da casa parece ser uma “extensão” do lar das crianças e adolescentes que nela residem, não oferecendo subsídios ou conteúdos que envolvam o processo de escolarização, embora os sujeitos atendidos tenham presentes em sua rotina a “hora do estudo”, nesses momentos não são oferecidas propostas que atendam às necessidades pedagógicas desses sujeitos. Percebe-se também a diferença existente entre os abrigos ou casas de acolhimento em relação ao Sases, uma vez que, conforme o site da Prefeitura de Porto Alegre, os “Abrigos Residenciais”, são espaços provisórios e excepcionais destinados à crianças e adolescentes, sob medidas de proteção, como prevê o art. 98 do Estatuto da criança e do Adolescente. Os profissionais atuantes deste espaço são educadores sociais e técnicos.

A ausência da pedagoga nesses espaços parece deixar uma lacuna, uma vez que o trabalho desta profissional possibilitaria uma prática educativa que criaria condições objetivas e organizadas para trabalhar conteúdos articulados com os conteúdos escolares, que poderiam ser oferecidos como forma de oportunizar uma melhora no desempenho e permanência escolar dos sujeitos atendidos.

Quando questionada se o trabalho da casa oferece condições educativas necessárias, a entrevistada não faz qualquer menção às atividades pedagógicas propícias a idade e ao desenvolvimento dos sujeitos atendidos. Nota-se ao longo da conversa com a entrevistada, a importância da aprendizagem política, uma vez que

esse elemento se faz indispensável para quem atua no meio social e lida diretamente com pessoas. Como a entrevistada não tem uma formação que propicie a discussão e o pensamento político e também por não haver esse aporte pedagógico na casa de acolhimento, percebe-se que alguns estereótipos e preconceitos são reproduzidos involuntariamente. Isso fica evidente quando responde que:

P- Você acredita que as atividades nos Sases/Casas de Acolhimento influenciam no cotidiano dos sujeitos envolvidos? Essas atividades ajudam a combater o trabalho infante-juvenil?

R - *“Crianças do acolhimento e também da comunidade carente que o Sase atende tem atividades no turno inverso da escola, para que elas se ocupem desenvolvendo seus conhecimentos, cultura e se suas ideias e se ocupando para que não fiquem vulneráveis ao mundo crime”.*

Porém, é preciso lembrar das condições adversas e do desprestígio social que essas trabalhadoras enfrentam na função do seu exercício profissional. Deste modo, acredito que essas questões demandariam que em sua formação e em sua prática, as educadoras sociais pudessem ter contato com dimensões de ordem política, cultural e acadêmica, constituindo-se em uma profissional capaz de desenvolver formas alternativas de exercer a sua atuação.

Parece-me fundamental que as profissionais, educadora ou pedagoga social, assumam a natureza política de sua prática e que estejam conscientes dos seus deveres enquanto educadoras, procurando serem coerentes entre o que dizem e o que fazem.

No entanto, é preciso dizer que embora a formação desses profissionais seja restrita, eles realizam um trabalho muito complexo e que enfrenta muitos obstáculos. Reconheço que os educadores sociais realizam e oferecem o que são capazes para os sujeitos atendidos, as suas sabedorias, mesmo que na maioria das vezes, pessoais, são passadas adiante por esses profissionais que também criam vínculos e afetos com os sujeitos atendidos, estabelecendo relações de proximidade que permitem valorizar cada situação de forma particular.

A entrevistada (A) parece ter um “orgulho” e um “prazer” ao dizer que é educadora social, uma vez que relata:

“O nosso trabalho apesar de ser cansativo e não termos o auxílio que deveríamos ter temos grande satisfação em dizer que cuidamos e educamos com muito amor os acolhidos”.

Diz ainda, que procura estar sempre atenta as manifestações dos atendidos na casa, auxiliando-os e criando possibilidades de diálogo para resolução de conflitos. Dialogando com Brandão (2006), podemos dizer que essas trocas entre o ensinar-aprender, são necessárias para que se criem situações onde o trabalho e a convivência sejam também momentos de circulação do saber.

Em contrapartida a entrevista da educadora social, entrevistei a coordenadora do setor de Proteção Social Básica da FASC, responsável pelo projeto Sase. Segundo o SUAS, a Proteção Social Básica tem como objetivo prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades, fortalecendo os vínculos entre os familiares e comunitários envolvidos.

Em sua entrevista, a coordenadora, que também é psicopedagoga, deixa claro que percebe a iniciativa do Sase como um projeto muito importante, porque entende que o espaço socioeducativo cria possibilidades para os sujeitos participantes. É importante dizer também que, o espaço socioeducativo diferencia-se do espaço de acolhimento, uma vez que o socioeducativo é capaz de oferecer subsídios pedagógicos para os sujeitos atendidos, onde o indivíduo tem oportunidades de participar de diversas atividades lúdicas e artísticas, o que estimula sua participação e permanência no espaço. A entrevistada relata a importância do planejamento e da proposta pedagógica nesses espaços quando diz que:

“A base dele (Serviço Socioeducativo) é acreditar que a gente vai potencializar o espaço de convivência e que a convivência com os diferentes, a convivência mediada, potencializada é fortalecedora dos vínculos. [...] esse espaço bem organizado e com planejamento legal, faz o enfrentamento das questões de violações de direitos, não só do trabalho infantil, mas também a questão da exploração sexual, de outras situações de risco que o próprio território proporciona, conflito familiar. ”

Nota-se na fala da entrevistada, que ela acredita que o conhecimento e a convivência podem fazer com que o sujeito participante do Sase seja estimulado a pensar, a refletir e criar soluções para as resoluções de problemas, tanto individuais quanto sociais. Assim, o conhecimento passa a ser entendido como uma construção

coletiva que propicia a participação de todos e de uma educação que seja problematizadora.

Nesta concepção de educação é indispensável que os profissionais que atuam nesses meios oportunizem as aprendizagens que venham das realidades desses indivíduos. Para tanto, é preciso que se renovem esses espaços e que eles sejam ambientes motivadores, buscando o crescimento pessoal, mas também social e coletivo dos atendidos. Para Paulo Freire (1989), essa é uma prática política que pode libertar os indivíduos de sua ignorância social, possibilitando-os pensar, analisar e refletir.

A entrevistada (B) acredita ainda que a presença de pedagogas nos espaços socioeducativos é extremamente importante porque além da questão didática e metodológica que a profissional estabelece nos ambientes, torna os espaços “encantadores” para os sujeitos atendidos.

Segundo Fonseca (2009), seria fundamental que fossem criados também programas que propiciassem uma melhora no desempenho e permanência escolar do público infanto-juvenil pertencente a esses projetos e que esses espaços não fossem uma ‘mera’ ocupação de tempo. Aqui entra novamente a importância da pedagoga porque, com planejamento de ações, esses espaços poderiam promover a aprendizagem também relacionada ao ensino escolar.

Conforme ia entrevistando-a e observando as metodologias e técnicas que são usadas para palestras e cursos de formação com as educadoras que atuam nos Sases, pude perceber que a presença de uma pedagoga na coordenação do setor de Proteção Social Básica, também se faz de inegável importância para que tenhamos uma boa referência na preparação das educadoras sociais que atuarão nesses espaços. Os cursos de formação oferecidos pela FASC levam até os programas sociais, subsídios essenciais para um trabalho pedagógico de qualidade.

Acreditando que desafio principal da pedagoga, dentro ou fora do ambiente escolar, não se resume a conduzir dinâmicas e preparar material para cursos e formações, mas também enxergar quais são as reais necessidades dos sujeitos, observando o que acontece dentro do espaço onde está inserido, para que possa fazer um diagnóstico sobre quais são as metodologias que precisarão ser utilizadas.

Tive a oportunidade de entrevistar ainda, a pedagoga responsável pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e uma das educadoras sociais do espaço. O espaço visitado localiza-se na cidade de Porto Alegre, as crianças e adolescentes que são atendidos no espaço são divididas por turmas conforme as faixas etárias (6-10 anos e 10-14 anos).

Durante a entrevista, a entrevistada (C) disse acreditar que o serviço de convivência é um espaço onde se trabalha muito a empatia e que precisa ser um lugar agradável onde as crianças queiram estar. Menciona ainda que, o formato da escola não cabe no serviço de convivência embora se trabalhe os conteúdos que também são vistos no ambiente escolar. A fala da pedagoga dialoga com o que diz Gohn (1999),

[..] existe a preocupação de se transmitir os mesmos conteúdos da escola formal, de se repassar o acervo de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade. Entretanto, esse repasse é desenvolvido em espaços alternativos e com metodologias e sequências cronológicas diferenciadas, com conteúdos curriculares flexíveis, adaptados segundo a realidade da clientela a ser atendida. (GOHN, 1999.p. 102)

Com isso, percebemos que os conteúdos e conhecimentos da escola formal, não são descartados e não deixam de ser importantes no espaço socioeducativo. Porém, nota-se como as atividades e metodologias que envolvem esses conteúdos são abordadas e oferecidas de maneira diferenciada, pensada em termos coletivos, desenvolvido também a partir das práticas de socialização.

. Quando questionada sobre qual seria o papel da pedagoga e a importância desta profissional nesse meio de educação não formal ela responde:

R: “Eu vejo papel o papel da pedagoga como um papel para dar um viés intencional, vem para dar um norte, vem para acrescentar. Claro que todo planejamento, projeto, tem que vir da demanda da comunidade, não pode chegar com a coisa pronta, primeiro é importante fazer um diagnóstico dessa região, fazer a escuta sensível despida de qualquer pré-conceito”.

Assim, percebemos que a entrevistada (C), acredita ser importante a presença de uma pedagoga nesses espaços porque que essa profissional se compromete com a construção e busca de novos conhecimentos e relações sociais. Para Franco (2003),

esta é uma prática essencial porque o pedagogo deve estar ciente de que deve buscar caminhos que possam construir significados, aproximando-se de práticas que dialoguem com os contextos sociais desses indivíduos. Isso fica evidenciado quando a entrevistada, em outro trecho, relata:

R: “Eu acho que a pedagogia vem aqui para transformar, para construir com eles um novo saber a partir da realidade deles. ”

Como nos diz Gohn (1999), na educação não formal, o principal objetivo é construir o conceito de cidadania com os sujeitos, pensada sempre de modo coletivo. Percebe-se que a entrevistada (C) também acredita que essa prática é importante porque assim, os faz perceber que são sujeitos de direitos e deveres.

O maior desafio para atuar como pedagoga no espaço não formal, segundo a entrevistada (C), são os recursos restritos oferecidos pela Política Nacional de Assistência Social. Relata que para oferecer um trabalho de qualidade é preciso ter instrumentos necessários, o que por muitas vezes não é possível com os recursos financeiros recebidos pela instituição. Acredita ainda que os profissionais envolvidos nesse meio precisam realizar um trabalho em conjunto e entender o que é o trabalho em rede, inclusive as escolas, que poderiam mudar o seu olhar frente aos espaços não escolares e construir juntos metodologias que pudessem integrar os dois espaços. O trabalho em rede, segundo a Política de Trabalho em Rede, tem como missão institucional, interligar os interesses comuns, consolidando projetos, preservando identidades e diferenças, mas agindo de forma integrada e coletiva para concretizar os objetivos esperados.

A entrevistada (C) acredita que os objetivos do Serviço de Convivência sejam, a proteção, seja da vulnerabilidade social ou do trabalho e abuso e infantil, onde devem ser trabalhados temas de violência e drogas, mas de maneira intrínseca e que não compete a pedagoga e aos educadores apontar o que é errado, mas sim, construir diariamente com as crianças subsídios que as levem posteriormente vir a fazer seus próprios julgamentos. Segundo o site do MDS (2015),

O serviço tem como objetivo fortalecer as relações familiares e comunitárias, além de promover a integração e a troca de experiências entre os participantes, valorizando o sentido de

vida coletiva. O SCFV possui um caráter preventivo, pautado na defesa e afirmação de direitos e no desenvolvimento de capacidades dos usuários. (2015)

O SCFV realiza planejamentos uma vez a cada 15 dias com a pedagoga e com os educadores do espaço. Percebe-se aqui a importância de um trabalho planejado em que possa ser ofertado subsídios necessários para o processo de ensino-aprendizagem em ambiente não escolar. São realizadas ainda, reuniões para tratar de casos específicos dos atendidos do serviço, possibilitando, em conjunto, criar condições e melhores maneiras para se trabalhar com as crianças e adolescentes do espaço. Dialogando com Franco (2003), percebemos que a educação é entendida neste espaço como uma prática social e que os educadores são investigadores desta prática, pesquisando novas mediações para atender as crianças e adolescentes do espaço.

A entrevistada (D), educadora social, é estudante de ciências sociais na UFRGS. Relata que para trabalhar no espaço, foi necessário realizar uma vez uma entrevista, na qual foi analisado o seu perfil e suas experiências anteriores com projetos voltados para crianças e adolescentes com maior vulnerabilidade social.

Acredita que trabalhar no meio socioeducativo é muito desafiador porque é um espaço onde as crianças precisam estar por uma série de motivos, existem muitos conflitos, problemas familiares e psicológicos envolvidos. Por isso, relata que é fundamental ter uma formação, e que como está se formando em licenciatura sempre tenta trazer os seus aprendizados como subsídios para o trabalho no espaço.

Assim como a pedagoga do espaço, ela diz que é importante conhecer um pouco a realidade e o “território” em que o espaço se localiza para minimamente dar conta do que é necessário trabalhar. Relata também a precariedade dos recursos e materiais oferecidos no espaço e que por muitas vezes é obrigada a “improvisar” durante as atividades com os alunos. Destaca a importância das reuniões entre a equipe dos educadores da casa, o que traz um “olhar do outro” em relação a cada caso do espaço, podendo acrescentar e buscar maneiras de ajudar cada caso em específico.

Acredita que o seu papel enquanto educadora é fazer com que os atendidos possam ser sujeitos de autonomia, buscando transformar o espaço em um local em que eles se sintam acolhidos fortalecendo com eles esses vínculos sociais que precisam ser resgatados.

As falas das entrevistadas evidenciam a importância de a profissional atuante da educação não formal ter uma formação que propicie pensar além do senso comum, refletindo sobre a educação social e conseguindo dialogar com os contextos sociais dos sujeitos atendidos. Tudo isso acarreta em conhecer a organização e os direitos socioassistenciais subsidiados pelas Políticas de Assistência Social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo inicial deste estudo de propor uma reflexão sobre a atuação da pedagoga em espaços educativos não formais, bem como conhecer os espaços socioeducativos e administrativos e os profissionais que atuam nesses meios, caracterizando as especificidades necessárias a cada um, destaco que, embora o papel da pedagoga nesses espaços seja de extrema importância e a mesma venha atuando em novos e diferentes espaços, preocupa-me ainda, em como essa profissional está sendo preparada e formada para enfrentar esse campo educacional. Percebe-se que a formação dos cursos de pedagogia não contempla as especificidades necessárias à educação não formal ou é feita de forma muito breve e superficial, não oferecendo subsídios importantes para atuar no meio socioeducativo. Acredito que os cursos de formação, poderiam acrescentar disciplinas em seu currículo que valorizassem os espaços não formais como importantes espaços de atuação da pedagoga. Por meio das entrevistas e do estudo realizado é possível perceber que ainda existem muitos desafios, tanto em termos de limitação teórica que envolve a educação não formal, como também ainda a formação dos profissionais envolvidos nesse campo educacional.

Percebeu-se por meio deste estudo, que o trabalho pedagógico realizado pelas pedagogas e educadoras, tanto na área administrativa quanto nos espaços socioeducativos é importante porque propicia o desenvolvimento de uma metodologia que se aplica ao público que está sendo atendido. Para Libâneo (2001), a formação dos profissionais que atuarão em contextos não escolares é importante porque a intervenção destes, no âmbito das práticas culturais desenvolvidas, se faz eficaz. Essa participação pedagógica também exige preparação prévia, sistemática e qualificada.

Assim, fica evidente que a pedagoga e as profissionais da educação não formal têm um papel e um lugar muito importante para os sujeitos atendidos, uma vez que oportuniza buscar novos caminhos e relações sociais que sejam significativas, oferecendo práticas que criam condições objetivas e organizadas para trabalhar conteúdos articulados com os conhecimentos escolares.

Percebeu-se que a ação educativa das profissionais atuantes nesse meio educacional é organizada e sistemática, visando o melhor aproveitamento do tempo-

espaço para os sujeitos da educação não formal. O que parece estar em falta ainda em alguns espaços socioeducativos é certa rigorosidade na contratação e supervisão dos profissionais que atuam neste meio, que poderiam ser feitos até mesmo pela pedagoga responsável de cada local. Para isso, é importante também que sejam criados espaços e condições para que a pedagoga possa formar-se plena e integralmente como profissional atuante desse meio educacional, criando-se condições em que ela saiba que é capaz de se sentir uma profissional integrante do meio que a cerca, tomando para si a consciência de que pode e deve transformar a realidade na qual atuará.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular** / Carlos Rodrigues Brandão - São Paulo: Brasiliense. 2006. (Coleção Primeiros Passos; 318)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2002. – (Coleção Primeiros Passos; 73)

DANTE, Max. NUNES, Rosilene. (orgs.). Projeto Travessia. Arquivos: **Programa de Mobilização Social. Política de Trabalho em REDE**. Março, 2000

FONSECA, Laura Souza. **Apoio socioeducativo, enraizamento do infanto-juvenil? (Com) vivências em comunidades da periferia urbana**. Cadernos de Educação: FaE/PPGE/UFPel – Pelotas [32]: 63-83, janeiro/abril. 2009.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. Campinas, SP: Papirus, 2003. Coleção Entre Nós Professores.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1989

_____. Pedagogia da Autonomia. São Paulo. Paz e Terra. 1996

FUHRMANN, Nadia. PAULO, Fernanda dos Santos. **A formação de educadores na educação não formal pública**. Educação e Sociedade. Revista de Ciências da Educação. CEDES. Vol. 35. Abril – junho, 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativo do terceiro setor** / Maria da Glória Gohn. – 2. Ed – São Paulo, Cortez, 2001. – (Coleção Questões da Nossa Época; v.71)

_____. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Educação não-formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social**. Meta: Avaliação | Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan. /abr. 2009

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para que? / José Carlos Libâneo – 2.ed. – São Paulo, Cortez, 1999.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas** / Menga Ludke, Marli E. D. A. André. [2.ed]. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2015. **Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos**. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>>. Acesso em: 21 de jun. de 2016.

ROCHA, Brizabel. **Projeto serviço de apoio sócio educativo em meio aberto**. [manuscrito] / Brizabel Rocha; orientadora: Carmem Maria Craidy. - 2007. 60 f. Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Gestão da Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2007.

SECRETARIA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, 2015. **Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS)**. Disponível em: <http://www.desenvolvimentosocial.pr.gov.br/arquivos/File/Capacitacao/material_apoi o/JulianaFernandesPereira.pdf> Acesso em: 21 de jun. de 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, Ahead of Print, v. 9, n. 1, jan. /jun. 2014

ANEXOS

ANEXO I: Termo de Esclarecimento da Pesquisa



ANEXO I: TERMO DE ESCLARECIMENTO

O presente documento busca esclarecer os compromissos pertinentes à participação na pesquisa: “A PEDAGOGIA NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: QUAL O LUGAR E O PAPEL DA PEDAGOGA?”

1. A organização governamental ou não governamental, por seu representante, e os participantes sem vínculo precisam assinar o Termo de Consentimento sabendo que os dados serão incluídos no Sistema UFRGS – Pesquisa e Extensão;
2. A partir do acordo de participação, é necessário responder o questionário e a entrevista semiestruturada;
3. Indicar com justificativa uma boa prática protetiva à infância e à adolescência no escopo da organização a que pertence.

Lisiane Aguirre Flores
Pesquisadora acadêmica

Laura de Souza Fonseca

Orientadora FACED/UFRGS

Porto Alegre, 10 de maio de 2016

ANEXO II: Termo de Consentimento da Pesquisa



ANEXO II:
TERMO DE CONSENTIMENTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PESQUISA COM REGISTRO DE IMAGEM E ÁUDIO. Senhor/a representante de organizações governamentais ou não governamentais dirigente, ou participante de política protetiva:

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a pesquisa: “A PEDAGOGIA NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: QUAL O LUGAR E O PAPEL DA PEDAGOGA?” Vimos, por intermédio do presente instrumento, formalizar a participação das organizações e dos representantes abaixo-assinados, ou individualmente.

Na perspectiva da ética-política, na pesquisa acadêmica, comprometemo-nos a devolver os resultados do nosso trabalho quando for demandado pelos participantes, e por ocasião do relatório final da pesquisa. Desde já agradecemos a atenção e cooperação.

Lisiane Aguirre Flores – Pesquisadora Acadêmica

Nome:

Prof^a.Dr^a. Laura Souza Fonseca

Telefone:

CPF:

Porto Alegre, 10 de maio de 2016.